

## **O QUE TEM O CAPITALISMO A VER COM A FELICIDADE?**

Autor: Rômulo de Andrade Moreira – Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia e Professor de Direito Processual Penal da Universidade Salvador – UNIFACS.

O Professor Yuval Noah Harari, da Universidade hebraica de Jerusalém, é Doutor em História pela Universidade de Oxford e especializado em História mundial. Autor de vários livros e escritos, alguns dos quais já traduzidos para o português, ele costuma tratar de questões históricas de uma maneira bastante abrangente, relacionando a História com a Biologia, por exemplo.

Um dos seus livros mais conhecidos, que se tornou um best-seller internacional, publicado em mais de quarenta países, chama-se “*Sapiens: Uma breve História da Humanidade*.”<sup>1</sup>

Trata-se de uma obra “*realmente impressionante, de se ler num fôlego só, pois questiona nossas ideias preconcebidas a respeito do universo*”<sup>2</sup>, “*ilumina as grandes questões da história e do mundo moderno*”<sup>3</sup> e foi escrito “*de verdade, com gosto, clareza, elegância e um olhar clínico para a metáfora*.”<sup>4</sup>

Neste pequeno trabalho abordarei apenas quatro questões que são muitíssimo bem analisadas pelo autor israelense: o capitalismo, o livre mercado, o consumismo e a felicidade. Ele o faz desde uma perspectiva absolutamente original e surpreendente. Vejamos nesta ordem:

Harari começa por lembrar o economista escocês Adam Smith, considerado por alguns como o “pai da economia moderna” e, certamente, um dos mais destacados e importantes teóricos do liberalismo econômico. Smith, em sua obra clássica, “*A Riqueza das Nações*”, publicada no ano de 1776, apresentou um argumento que pareceu a Harari ser algo original:

“*Quando um proprietário de terras, um tecelão ou um sapateiro tem mais lucro do que precisa para manter a própria família, ele usa o excedente para empregar mais assistentes, a fim de aumentar seu lucro. Quanto mais lucro tiver, mais assistentes pode empregar. Daí decorre que um aumento no lucro dos empreendedores privados é a base para o aumento na riqueza e prosperidade coletivas.*”<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Londres: Harvill Secker, 2014. São Paulo: L&PM Editores, 2015.

<sup>2</sup> The Guardian.

<sup>3</sup> Jared Mason Diamond, biólogo evolucionário, fisiologista, biogeógrafo estado-unidense. Vencedor do Prêmio Pulitzer de 1998, pelo “*Armas, Germes e Aço*”, publicado no Brasil pela Editora Record.

<sup>4</sup> The Times.

<sup>5</sup> Este trecho está no oitavo capítulo do primeiro volume da obra de Adam Smith.

Ora, diz Harari, “o que Smith afirma é, na verdade, que a ganância é algo bom e que ao ficar mais rico eu benefico a todos, e não só a mim mesmo.” Logo, “egoísmo é altruísmo.”

Com isso, Smith “negou a contradição entre riqueza e moralidade e escancarou os Portões do Céu para os ricos”, pois “ser rico significava ser moral.” Para o economista britânico, portanto, “as pessoas ficam ricas não saqueando os vizinhos, e sim aumentando o tamanho do bolo.” Logo, “quando o bolo cresce, todos se beneficiam, os ricos são, portanto, as pessoas mais úteis e benévolas da sociedade, porque impulsionam o crescimento em benefício de todos.”

Assim, uma consequência “crucial da economia capitalista moderna foi o surgimento de uma nova ética, segundo a qual os lucros tinham de ser reinvestidos na produção.”

Trata-se, evidentemente, de um equívoco (esta afirmação é minha), pois nada garante (muito pelo contrário, também o digo) que os ricos gananciosos usarão “seus lucros para abrirem novas fábricas e contratarem novos empregados, em vez de desperdiçá-los em atividades não produtivas”, diz ele.

Desse modo, para ficarmos no exemplo de Smith, quem garante que o sapateiro ganancioso não vai aumentar seus lucros exatamente “pagando menos aos empregados e aumentando a jornada de trabalho deles?” (Para isso, aliás, eles podem contar, por exemplo, com leis trabalhistas frouxas, como agora acontece em nosso País).

O certo, como a História mostrou e nós sabemos, é que o que começou “como uma doutrina econômica”, acabou, desgraçadamente, concebido como “um conjunto de ensinamentos sobre como as pessoas devem se comportar, educar seus filhos e até mesmo pensar.” Uma verdadeira ética, portanto!

(É o que se passa hoje com o neoliberalismo).

O capitalismo, erigindo o crescimento econômico como “o bem supremo, ou pelo menos uma via para o bem supremo”, acabou por fazer dependentes daquele crescimento “a justiça, a liberdade e até mesmo a felicidade.” Acontece que “quando o crescimento se torna um bem supremo, irrestrito por qualquer outra consideração ética, pode facilmente levar à catástrofe.”

Esta religião (a expressão é de Harari), que acredita “no crescimento econômico perpétuo”, é de uma tal tolice que “desafia quase tudo que conhecemos sobre o universo.” Compara, então, o autor: “uma sociedade de lobos seria extremamente tola em acreditar que a oferta de ovelhas continuaria crescendo por tempo indefinido.”

Ele, inclusive, e muito acertadamente, responsabiliza o capitalismo pela escravidão, pois, enquanto “no fim da Idade Média, a escravidão era quase desconhecida na Europa cristã”, no começo “da era moderna, a ascensão do capitalismo europeu andou de mãos dadas com a ascensão do comércio de escravos no Atlântico, que não era controlado por nenhum Estado ou governo. Forças

*mercantis irrestritas (o capital, digo eu), e não reis tirânicos ou ideólogos racistas, foram responsáveis por essa calamidade.”*

O capitalismo, diz ele, *“matou milhões por pura indiferença unida à ganância, pois o comércio de escravos no Atlântico não derivou do ódio racista para com os africanos”*, mas com a sede de lucro que este comércio representava.

Para além da escravidão, a Revolução Industrial e o capitalismo – como consequência – *“condenou milhões de trabalhadores a uma vida de pobreza abjeta”*, enquanto *“enriqueceu os banqueiros e os donos do capital.”*

Na sequência, o Professor Harari passa a analisar o *“culto ao livre mercado, hoje a mais comum e mais influente variante do credo capitalista.”* Os seus adeptos e os seus arautos aconselham os governos, tais como *“os mestres zen fazem com seus iniciantes”*, que *“simplesmente não façam nada.”* Ora, diz Harari, esta *“crença no livre mercado é tão ingênua quanto a crença no Papai Noel”*, mesmo porque nunca existiu, tampouco haverá *“um mercado completamente isento de interesses políticos.”*

O Brasil que o diga...

Quando o Estado *“falha em sua função e não regula o mercado devidamente, a consequência é a perda de confiança, a redução de crédito e a depressão econômica.”* E ele cita dois exemplos: a Bolha do Mississippi, em 1719, e a bolha imobiliária nos Estados Unidos, em 2007, ambas causas de uma gravíssima crise creditícia e uma profunda recessão.

Destarte, algo que parece ser, à primeira vista, praticamente irresponsável (a teoria do livre mercado), não resiste a uma análise mais aprofundada, mesmo porque, e certamente, *“em um mercado completamente livre, não supervisionado por reis e padres, capitalistas avarentos podem criar monopólios ou entrar em conluio contra sua mão de obra”*, que ficaria, assim, sem qualquer possibilidade de migrar de um empregador para outro.

Ademais, - e essa é *“a pedra no sapato do capitalismo de livre mercado”* - *“não há como garantir que os lucros sejam ganhos de forma justa, ou distribuídos de maneira justa”*, mesmo porque, como mostram a mancheias os exemplos que todos nós conhecemos, *“a ânsia por aumentar os lucros e a produção cega as pessoas para qualquer coisa que possa estar no caminho.”* E arremata:

*“O crescimento da economia moderna talvez se revele uma fraude colossal”*, pois *“a espécie humana e a economia global podem muito bem continuar crescendo, mas muito mais indivíduos passam fome e privação.”* Veja-se o exemplo do nosso País.

Então, qual é a consequência de tudo isso? É exatamente o surgimento de uma outra ética: o consumismo! O raciocínio do Professor israelense é tão simples quanto preciso: se a economia capitalista, para a sua própria sobrevivência, precisa aumentar desesperadamente a produção, e como só produzir não

basta, “*também é preciso que alguém compre os produtos, ou os industrialistas e os investidores irão à falência.*” Logo, é preciso comprar. Comprar é preciso, viver não é preciso, como diriam os argonautas.<sup>6</sup>

A humanidade já viveu eras cuja frugalidade era “*sua palavra de ordem*”, como lembra a “*ética austera dos puritanos e a dos espartanos.*” Hoje, bem ao contrário, “*o consumo de cada vez mais produtos e serviços é visto pelo consumismo como algo positivo e a frugalidade é uma doença a ser curada, uma auto opressão.*”

Em nosso mundo atual as pessoas são levadas mesmo a “*se matarem pouco a pouco pelo consumo exagerado, compramos uma série de produtos de que não precisamos realmente e que até ontem não sabíamos que existiam.*”

A cada dia são criados “*deliberadamente produtos de vida curta e inventados modelos novos e desnecessários de produtos perfeitamente satisfatórios que devemos comprar para não ficar de fora*”. Ir às compras se tornou um passatempo favorito e os feriados religiosos como o Natal se tornaram festivais de compras.”

A situação é de uma tristeza profunda (digo eu), pois “*há muitos indícios de que estamos destruindo as bases da prosperidade humana em uma orgia de consumo desenfreado*”, diz ele, e conclui: a “*ética capitalista e a consumista são dois lados da mesma moeda, uma combinação de dois mandamentos. O mandamento supremo dos ricos é ‘invista!’*. O mandamento supremo do resto de nós é ‘compre!’”.

E quanto à felicidade? Para ele, há vários modos de tratar este tema. Pode-se, por um lado, discuti-la desde um ponto de vista puramente material. Neste sentido, fatores materiais, como a saúde, a dieta e a riqueza, serviriam de parâmetro para “medir” a felicidade humana. Assim, “*se as pessoas são mais ricas e mais saudáveis, também devem ser mais felizes.*”

Sob outro aspecto – o preferido pelos filósofos, padres e poetas durante milênios -, “*fatores sociais, éticos e espirituais têm tanta influência sobre nossa felicidade quanto as condições materiais.*”

Uma terceira ideia – desenvolvida nas últimas décadas, especialmente pelos biólogos – é estudar a felicidade cientificamente, levando-se em consideração que o “*nosso mundo mental e emocional é governado por mecanismos bioquímicos definidos por milhões de anos de evolução.*”

Logo, não são fatores externos, “*como salário, relações sociais ou direitos políticos*” que, necessariamente, trazem-nos a felicidade.” Ao contrário, nosso “*bem-estar subjetivo é determinado por um complexo sistema de nervos,*

---

<sup>6</sup> “*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: **navegar é preciso, viver não é preciso.** Quero para mim o espírito d’esta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: viver não é **necessário**; o que é **necessário** é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha*”. (Fernando Pessoa, <http://sualingua.com.br/2009/04/29/navegar-e-preciso/>, acessado em 04 de fevereiro de 2019).

*neurônios, sinapses e várias substâncias bioquímicas como serotonina, dopamina e oxitocina.”*

Ficamos felizes não porque ganhamos na loteria ou compramos uma casa nova, ou um carro de luxo, ou porque nos apaixonamos ou fazemos uma viagem para o exterior. Na verdade, *“as pessoas ficam felizes por um único motivo: sensações agradáveis em seu corpo, causadas pelos hormônios que inundam sua corrente sanguínea, pela tempestade de sinais elétricos pipocando em diferentes partes do seu cérebro.”*

Portanto, a espécie humana evoluiu *“para sermos nem felizes demais, nem infelizes demais, mas para sentirmos um ímpeto momentâneo de sensações agradáveis, que nunca duram para sempre, pois, mais cedo ou mais tarde, diminuem e dão lugar a sensações desagradáveis.”*

Neste aspecto, a questão da felicidade está intrinsicamente ligada ao nosso sistema bioquímico, havendo *“algumas pessoas que nascem com um sistema bioquímico alegre”* (e são geralmente felizes e contentes), enquanto outras *“são amaldiçoadas com uma bioquímica melancólica, que as tornam infelizes e deprimidas mesmo que desfrute do apoio de uma comunidade coesa, ganhe milhões na loteria e seja tão saudável quanto um atleta olímpico.”* O cérebro de tais pessoas (no segundo caso), *“simplesmente não é projetado para a euforia, aconteça o que acontecer.”*

Para demonstrar tal assertiva, Harari leva-nos a pensar por um instante em nossa família e em nossos amigos. Certamente conhecemos *“algumas pessoas que estão sempre relativamente alegres, não importa o que aconteça com elas.”* Mas, também conhecemos outras tantas *“que estão sempre insatisfeitas, não importa que dádivas o mundo deite a seus pés.”*

Obviamente que não há *“fanatismo”* dos biólogos nestas conclusões, pois admitem, nada obstante *“a felicidade ser determinada principalmente pela bioquímica, fatores psicológicos e sociológicos também têm o seu lugar.”*

Mas essa concepção de felicidade também sofre contestação, como, por exemplo, a do economista comportamental Daniel Kahneman, vencedor do Prêmio Nobel de Economia, para quem, a partir de estudos empíricos, *“há um importante componente ético e cognitivo na felicidade, consistindo em enxergar a própria vida em sua totalidade como algo significativo e valioso.”*

Assim, desde um ponto de vista nietzschiano, *“se há um motivo para viver, tolera-se praticamente qualquer coisa, pois uma vida cheia de sentido pode ser extremamente gratificante mesmo em meio a adversidades, ao passo que uma vida sem sentido é um suplício terrível independentemente de ser repleta de conforto.”*

Eis o problema: o sentido da vida!, pois, *“até onde sabemos, de um ponto de vista puramente científico, a vida humana não tem sentido*

algum e *qualquer* significado que as pessoas atribuem à própria vida é apenas uma ilusão.” (grifo no original).

Ora, “se a felicidade se baseia em ter sensações agradáveis, para sermos mais felizes precisamos reformular nosso sistema bioquímico.” Mas, se ao contrário, ela se baseia “em sentir que a vida tem sentido, para sermos mais felizes precisamos nos iludir de maneira mais eficaz.” Observe-se que ambas as visões “partem do pressuposto de que a felicidade é uma espécie de sensação subjetiva (de prazer ou de sentido).”

Haveria, então, outras possibilidades?

Para ele, o budismo faz uma abordagem particularmente interessante a respeito da felicidade. Apesar de concebê-la da mesma forma que a biologia, ou seja, como uma resultante “de processos que ocorrem em nosso corpo, e não de acontecimentos no mundo externo”, a religião budista chega a conclusões distintas, especialmente a de que “a maioria das pessoas identifica sensações agradáveis como felicidade e sensações desagradáveis como sofrimento”, razão pela qual, ao longo de sua existência, “atribuem enorme importância ao que sentem, ávidas por vivenciar cada vez mais sensações agradáveis e por evitar sensações desagradáveis.”

A questão é que tais momentos felizes são muito transitórios – tais “como as ondas do oceano que mudam a cada instante” -, o que leva o homem (e a mulher) a perseguir constantemente aquelas “sensações agradáveis” e a tentar afastar “as sensações desagradáveis.”<sup>7</sup> Ocorre que como aquelas são sempre transitórias, “logo temos de começar tudo de novo, sem jamais obter recompensas duradouras por nossos esforços.” São, portanto, sempre “prêmios efêmeros.” E se são efêmeros, porque persegui-los por toda uma existência?

Eis, para os budistas, a raiz do sofrimento humano: “essa incessante e inútil busca de sensações efêmeras, que nos leva a estar em um constante estado de tensão, inquietude e insatisfação”, motivo que faz a nossa mente nunca estar satisfeita, ainda quando sentimos prazer, pois ela “teme que essa sensação logo desapareça e deseja ardentemente que permaneça e se intensifique.”

Logo, só nos libertaremos desse sofrimento, segundo os budistas, “quando entendermos a natureza transitória de todos os nossos sentimentos e pararmos de persegui-los.” Somente assim, libertos dessa busca inútil, a nossa mente ficará “tranquila, clara e satisfeita e, apesar de sentimentos de todo tipo continuarem indo e vindo – alegria, raiva, tédio, desejo – não mais ansiamos por sentimentos específicos, mas simplesmente aceitamos tais como são. Que paz!”

---

<sup>7</sup> Sem tratar, obviamente, da questão específica da felicidade, Freud, em 1920, escreveu um ensaio, “Além do princípio do prazer”, no qual afirma “que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer.” Para ele, prazer e desprazer estão relacionados “com a quantidade de excitação existente na vida psíquica, de tal modo que o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade.” (Obras Completas, Volume 14, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, páginas 162 e 163).

Se Buda concordava com a biologia quando admitia que a felicidade independia de condições externas, dela discordava, pois *“a verdadeira felicidade também independe de nossas sensações interiores, pois quanto mais importância damos a nossas sensações, mais ansiamos por elas, e mais sofremos. A recomendação de Buda era parar a busca não só de conquistas externas, como também, acima de tudo, parar a busca de sensações internas.”*<sup>8</sup>

Resumindo: o caminho para a felicidade *“é conhecer a verdade sobre você mesmo – entender quem, ou o que, você é realmente”* e acabar com *“a busca incessante por determinadas sensações que só aprisiona ao sofrimento.”*

Aí reside a principal questão: conhecer seu verdadeiro eu. Se o ignoramos, ignoramos a verdadeira felicidade. Aqui, Harari lembra a principal razão de ser da psicoterapia: *“as pessoas não se conhecem realmente e às vezes precisam de ajuda profissional para se livrarem de comportamentos autodestrutivos.”* De toda maneira, acerca da felicidade, *“é cedo demais para adotar conclusões rígidas e encerrar um debate que mal começou.”*

Essa foi uma pequena resenha feita de um livro muito denso, com informações e hipóteses de uma originalidade que impressiona. Não é um trabalho que basta para compreender as ideias do autor, afinal de contas, trata-se de um *“livro fascinante que não pode ser resumido; você simplesmente terá de lê-lo.”*<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Siddhartha Guatama, o Buda (*“aquele que está totalmente desperto ou iluminado”*), nasceu em 563 a.C., no norte da Índia. Filho de uma família rica, *“concluiu, ao chegar à idade adulta, que sua vida de conforto era incompatível com a crescente conscientização das dificuldades da existência e a certeza da morte. Além disso, o conforto material não oferecia nenhuma proteção contra essa dura realidade”*, levando-o a uma *“busca religiosa para encontrar a origem do sofrimento e uma forma de superá-lo.”* Ele dizia *“que a busca pela felicidade leva as pessoas a direção errada. Os indivíduos desejam coisas – sexo, riqueza, poder, posses materiais – na esperança de que essas coisas as façam felizes, mas isso não acontece, pois a origem do sofrimento é o desejo de obter o que querem, imaginando que, se conseguirem realizar o que desejam, todos os seus problemas serão resolvidos.”* Este desejo, que a nós parece ser essencial e natural, na verdade, *“é contraproducente, gerando apenas mais sofrimento e infelicidade.”* Dizia ele que como tudo tem uma causa, o sofrimento também a tem, de tal forma que se a sua causa for removida, acabará o seu sofrimento. E a causa do sofrimento é, rigorosamente, o desejo: *“por conseguinte, se o desejo for removido, o sofrimento deixará de existir.”* Somente assim, chegar-se-ia ao nirvana, *“um estado de paz para além do desejo ou anseio por qualquer coisa ou por alguém.”* (O Livro das Religiões, São Paulo, Editora Globo, 2014, páginas 138 e 139).

<sup>9</sup> Financial Times.

